

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER: LEITURA COMO FATOR PRIMORDIAL NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Raicinaluz Leila da Silva Coeli¹

Prof^ª Msc. Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina²

RESUMO

O presente trabalho questiona o modo de apropriação da leitura literária por jovens e adultos na escola noturna. Para isso, o texto discute a possibilidade de inserção do hábito da leitura do texto literário nas classes de Educação de Jovens e Adultos – EJA, salientando que essa pode ser uma alternativa viável para o ensino e aprendizagem da leitura literária na escola. Partindo deste princípio, o texto enfatiza a viabilidade da leitura literária nos espaços escolares como instrumento básico para o processo de humanização do homem a partir do diálogo que a escola possa estabelecer com os saberes construídos por esses alunos no seu contexto de vida e formação.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Literatura. Educação de Jovens e Adultos – EJA.

ABSTRACT

This paper questions the mode of appropriation of literary reading by young and adults in night school. For this, the paper discusses the possibility of inserting the habit of reading the literary text in classes Youth and Adults - EJA, noting that this may be a viable alternative to the teaching and learning of literary reading in school. With this assumption, the text emphasizes the feasibility of literary reading in school spaces as a basic tool for the process of humanization of man from the dialogue that the school can establish with the knowledge constructed by these students in the context of his life and training.

KEYWORDS: Reading. Literature. Youth and Adults - EJA.

INTRODUÇÃO

A questão proposta neste texto está diretamente ligada ao pressuposto de que há diferença entre duas práticas metodológicas utilizadas pelos professores que atuam na educação básica em relação ao trabalho com a leitura literária na sala de aula: uma consiste na leitura do texto literário e a outra no ensino das características de escolas

¹ Discente do Curso de Letras Português/Literaturas da Universidade Federal de Rondônia/UNIR.

² Professora da disciplina de Práticas de Ensino da Literatura do Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia/UNIR.

literárias. No nosso entendimento, a primeira está voltada para a compreensão da obra em si e para a experiência vivenciada no ato da leitura e a segunda corresponde ao estudo da obra, com as características e contexto histórico das escolas literárias, biografia e obras do autor. Pautados nesses princípios, buscaremos refletir sobre a adoção dessas abordagens para o ensino de Literatura e qual a relevância de ambas no processo ensino e aprendizagem.

A partir de uma abordagem teórica desenvolvida por meio deste trabalho, esperamos contribuir dando visibilidade a uma alternativa de trabalho viável frente às dificuldades encontradas pelos professores no momento de desenvolver um trabalho com a leitura literária, visando o hábito da leitura. Tal intento pode se configurar numa possibilidade de olhar o ensino da leitura literária mais especificamente na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Considerando que nas últimas quatro décadas, tem havido uma intensa discussão sobre leitura e educação, suscitando uma crítica ferrenha às práticas escolares de não leitura literárias, pautamo-nos, para o cumprimento do propósito apresentado, nos estudos realizados por pesquisadores que se debruçam na temática em questão e, dessa forma, dão significativa contribuição para o trabalho com a leitura literária e literatura na escola. Destacando, ainda, como fonte dessa pesquisa, o teórico e educador Paulo Freire, cujos estudos somados a sua experiência profissional e de vida, foram de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno adulto – EJA.

Dessa forma, organizamos nossa abordagem da seguinte forma: num primeiro momento teceremos algumas considerações acerca da EJA no contexto brasileiro. Na sequência trataremos sobre a importância do ato de ler, sendo esta dividida em dois tópicos, o primeiro voltado para a busca de sentido – Contribuições de Paulo Freire na EJA e o segundo, sobre a formação de leitores na EJA. Em seguida, finalizamos com uma breve abordagem sobre o *Ensino de Literatura na escola*.

I. Considerações acerca da EJA no contexto brasileiro

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é o conjunto de processos de aprendizagens, formais ou não formais, destinado às pessoas cuja sociedade considera adultos, onde desenvolvem suas capacidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram suas competências técnicas ou profissionais ou as reorientam a fim de atender suas próprias necessidades e as da sociedade.

Segundo o Art. 3º da Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos, essa modalidade de ensino compreende a educação formal e permanente, a educação não formal e toda a gama de oportunidades de educação informal e ocasional existentes em uma sociedade educativa e multicultural, na qual se reconhecem os enfoques teóricos baseados na prática. Dessa forma, evidencia-se o princípio de que a EJA necessita de métodos e práticas educativas adequadas à realidade cultural e ao nível de subjetividade dos jovens e adultos. O Parecer CNE/CEB 15/98, constante na obra de Leôncio Soares (2002, p. 39) relata que:

[...] são adultos ou jovens adultos, via de regra mais pobres e com vida escolar mais acidentada. Estudantes que aspiram a trabalhar, trabalhadores que precisam estudar, a clientela do ensino médio tende a tornar-se mais heterogênea, tanto etária quanto socioeconomicamente, pela incorporação crescente de jovens adultos originários de grupos sociais, até o presente, sub-representados nessa etapa da escolaridade.

Ao analisar o contexto histórico da modalidade de ensino na EJA, percebe-se a carência de atenção por parte das políticas educacionais, pois somente nas últimas décadas, esta modalidade de ensino foi reconhecida na LDB, quando afirma o direito à Educação, inclusive àqueles que não a tiveram na idade própria. A partir de então surgiram fóruns de debates mais intensos para a resolução de problemas referentes a este ensino que carece ainda de maior atenção das políticas públicas.

A modalidade EJA não possui uma formação específica e, normalmente, os profissionais que nela atuam não tiveram escolha, assumindo assim essa modalidade sem o preparo adequado. Porém, como afirma Leôncio Soares (2002, p. 8):

As universidades, principalmente as públicas, vêm assumindo, ainda que lentamente, seu papel na formação do docente para atuar na EJA e na produção de conhecimento na área. Muitas desempenharam um papel pioneiro, contribuindo com experiências enriquecedoras e despertando a academia para a problemática da EJA.

No entanto, ainda são muitos os questionamentos recorrentes e pertinentes ao ensino de jovens e adultos, mas por outro lado, são de fundamental importância os estudos e pesquisas emergentes neste campo de investigação. Consideramos aqui como imprescindíveis as pesquisas que possam auxiliar na qualidade do ensino na EJA, pois

hoje o problema maior não é trazer o aluno de volta à escola, mas sim fazer com que este permaneça. E só um ensino de qualidade, voltado às necessidades reais dos alunos será capaz de cativar e de manter estes alunos na escola.

Nessa perspectiva, o educador tem a responsabilidade direta na luta pela permanência do aluno e isto só será possível se houver a preocupação constante com a qualidade do ensino. Frente a esse desafio, os professores de Língua Portuguesa e Literatura têm responsabilidade ímpar no desenvolvimento da leitura e do letramento dos alunos que tardiamente chegam ou retornam à escola.

Tal empreendimento se justifica pelo fato da linguagem ser o mecanismo fundamental de comunicação e de inserção prática nas atividades comunicativas humanas. Dessa forma, o aluno jovem e adulto já vem à escola com o domínio da linguagem, pois a aplica desde sua primeira infância, porém com um universo de leitura muito restrito.

Um exemplo claro é o relato da experiência de Paulo Freire (2011) em *A importância do ato de ler*, quando diz que antes mesmo de chegar à escola já se encontrava alfabetizado por seus pais, pois já “lia o mundo” a sua volta antes mesmo de ler a palavra.

Essa linguagem, a que nos reportamos, deve ser levada em consideração dentro da sala de aula, nas práticas de ensino de leitura, no contexto geral e, principalmente, quanto ao ensino de literatura, tendo por objetivo a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico, capaz de construir sentidos. Nesse sentido há a preocupação de tornar o ato de ler mais atrativo aos olhos desses leitores, promovendo assim, o prazer no hábito da leitura. Para tanto, conforme pontua Annie Rouxel (2013), esse processo é resultado da convergência de três componentes, que são a atividade do aluno leitor na sala de aula, a literatura ensinada a partir de textos e obras e a ação do professor, cujas escolhas didáticas e pedagógicas se revestem de uma importância maior.

Assim, partilhamos da ideia de que ler é um processo de ressignificação do texto e, de acordo com Paulo Freire, há algo que começa antes do texto, e vai além dele. Conforme explica o autor:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2011, p. 19).

Nessa perspectiva, a linguagem trabalhada nos textos assume papel fundamental no sentido de atender às necessidades impostas neste século em que a velocidade de produção e de difusão de novos conhecimentos exige constantes atualizações e estas só serão possíveis através de práticas pedagógicas que proporcionem o desenvolvimento da leitura e do letramento com a compreensão do que se faz e para que se faz. Direcionando esse aspecto para o ensino da literatura, torna-se interessante refletir sobre alguns pontos que são considerados preliminares no trabalho com a leitura literária. Dentre eles destacamos as finalidades, às intenções e os objetivos do ensino de literatura, ou seja, ensinar literatura para quê? Uma vez que esse para quê determina o como e, o segundo ponto, volta-se para a definição de que literatura ensinar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, no que tange ao ensino de Língua Portuguesa, constituem um avanço para o processo de ensino-aprendizagem de leitura e produção de textos para as políticas educacionais brasileiras e, sobretudo, para as políticas linguísticas contra o iletrismo, neste caso, da população mais adulta, foco desta pesquisa. No entanto, Freire (2011, p. 48) afirma que “O Brasil foi ‘inventado’ de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos”, ou seja, os conceitos que norteiam o ensino nas escolas precisam ser revistos, pois mesmo com os avanços obtidos, as escolas ainda seguem um ensino autoritário, cuja “cartilha” – livro didático – é tida ainda como primeira opção metodológica.

II. A importância do ato de ler: contribuições de Paulo Freire na EJA

O educador Paulo Freire dedicou grande parte de seu trabalho à educação de jovens e adultos, influenciando essa modalidade de ensino com suas ideias que têm sido de fundamental importância para os educadores e educandos desse segmento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio - PCNEM, para a área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a linguagem é considerada como

[...] a capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (Brasil, 1999, p.13)

Nesse contexto, da produção de sentido, percebemos a importância desse célebre educador no que tange ao sistema educativo. Observando as etapas de seu método,

abaixo explicitadas, e com destaque na primeira delas, chegamos à conclusão de que sua metodologia segue as intenções dos PCN.

Etapas do método:

1. Etapa de Investigação: busca conjunta entre professor e aluno das palavras e temas mais significativos da vida do aluno, dentro de seu universo vocabular e da comunidade onde ele vive.
2. Etapa de Tematização: momento da tomada de consciência do mundo, através da análise dos significados sociais dos temas e palavras.
3. Etapa de Problematização: etapa em que o professor desafia e inspira o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada.

Ainda no que se refere à busca do sentido, Freire (2011, p. 30) em seus ideais de ensino, considera que:

[...] sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador.

Um exemplo claro e muito conhecido que Paulo Freire utilizava para aproximar essa tomada de sentido no educando é a do “tijolo”, ou seja, segundo Freire (2011) essa palavra, inserida em um grupo de pedreiros, por exemplo, alcançaria mais significado, pois assumiria uma representação pictórica devido à maior familiarização no contexto diário desse grupo social. Inserida em outro grupo qualquer, não obteria o mesmo resultado, pois a memorização mecânica da descrição de um objeto não se constitui em conhecimento desse objeto.

Com isso, concluímos que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita simplesmente com o objetivo de memorizar, nem é real leitura, nem dela resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.

Freire ainda criticava o sistema tradicional, o qual utilizava a cartilha como ferramenta central da didática para o ensino da leitura e da escrita. O livro didático, além de seu aspecto científico, tem todo aparato cultural, e por isso deve ser analisado dentro do contexto social, econômico e político, representando também dificuldades em defini-lo, já que adquire diferentes funções em nossa sociedade.

Reelaborando o que se pensava sobre o livro didático, Paulo Freire mostra que é possível fazer uma prática educativa emancipadora quando os próprios alunos fazem um livro-texto para os grupos posteriores se alfabetizarem. Longe de se constituir em cartilhas, o livro-texto contém noções de letramento quando considera os conhecimentos prévios do aluno.

Portanto, fica evidente que se pode fazer a diferença no ensino mesmo que os materiais disponíveis sejam problemáticos, se o professor for instrumentalizado de modo a analisar essas questões com a sala e promover a reflexão de como superar esses embates.

É importante refletir sobre o papel do professor assumindo sua autoria no processo de ensino, mesmo que isso signifique sair do lugar comum e questionar os próprios saberes. O professor deve ser capaz de identificar a partir de textos reais aqueles que estejam em consonância com as necessidades da turma para estudá-los, fazendo os alunos avançarem na aprendizagem. No que tange ao trabalho com a literatura, é interessante considerar uma cultura literária viva, concebida como um saber para si, para pensar, agir e construir.

III. A formação de leitores na EJA

Muitas são as discussões a respeito da importância da leitura para o crescimento intelectual, psicológico e social do homem. A importância do ato de ler, dentro e fora da escola, como forma de conhecimento do homem e do mundo é uma preocupação da maioria dos professores e de muitos estudiosos. Porém, enquanto se afirma isso, destina-se o mínimo de tempo para essa prática e o aluno vai afastando-se cada vez mais da leitura. Nesse sentido, Alice Vieira (1989) afirma que mesmo a leitura sendo geradora de descobertas linguísticas, de realidades situadas em tempos e espaços diferentes, de valores sociais e éticos, ou instrumento de fruição estética, tal prática, entretanto, parece ocupar uma parcela mínima do tempo de adolescentes e adultos (1989, p.7). Dessa forma, os motivos que “justificam” a falta da leitura são dos mais variados, como falta de tempo, falta de hábito, falta de interesse, dificuldade de compreensão, entre outros.

Em sua obra *O prazer do texto: Perspectivas para o ensino de Literatura* a autora reflete sobre os fatores que poderiam levar a um baixo índice de leitores, entre os quais estão os meios de comunicação de massa, como a televisão, a falta de incentivo familiar e o papel da escola como formador de leitores.

Com relação à televisão a autora conclui que esta não é a principal responsável pelo aumento de não-leitores, pois aqueles que têm o hábito da leitura como prazer, permanecerão leitores mesmo com o advento da mídia e sem que esta influencie negativamente essa rotina.

Outro fator de destaque na formação de leitores é o convívio da criança com livros e leitores. Para alguns autores, é na infância que se forma o gosto pela leitura. Portanto, crianças cujos pais leem com regularidade parecem demonstrar maior interesse e curiosidade pela leitura. Nesse sentido Vieira afirma:

[...] ouvir histórias lidas por adultos, manusear livros, brincar de ler são alguns dos fatores que estimulam e despertam, na criança, o prazer pela leitura. As crianças adquiririam, dessa forma, através da imitação, o hábito de leitura. E a primeira infância é considerada, pela Psicologia, o momento mais apropriado para a formação de hábitos duradouros (1989. p. 10).

Nesse contexto, entende-se que a influência dada pela família quanto aos hábitos da leitura é maior que a da escola, pois com o contato antecipado com os livros e atividades cotidianas, a criança associa o hábito da leitura não somente no contexto escolar, mas fora dele e em qualquer ambiente. Assim, crianças vindas de lares cuja leitura é valorizada terão mais possibilidades de se tornarem leitoras, do contrário de crianças privadas do contato com livros. Considera também que embora o ambiente familiar não seja condição suficiente para o desenvolvimento do hábito de leitura, é um estímulo importante para que o mesmo seja instaurado.

Quanto aos fatores influenciadores dos hábitos de leitura, destacamos a escola como mediadora nessa discussão. Escola e leitura, historicamente, sempre caminharam de mãos dadas. Sabemos também que o papel fundamental da escola é ensinar a ler e a escrever. Não há como negar a obrigação da mesma em formar alunos leitores. Mas, para que isso ocorra, é fundamental que o professor de Língua Portuguesa e Literatura tenha uma boa fundamentação teórica que lhe permita oferecer um diversificado repertório de leituras ao aluno. Tal adoção pode ser é uma forma para preencher o vazio sobre concepções de linguagem, de leitura e, ainda, sobre o papel da literatura na formação de leitores. Do contrário, a escola, e principalmente, as aulas de português descaracterizam-se, colocando em segundo plano a leitura que, por suas profundas relações com o ambiente escolar, deveria ser seu principal objetivo.

IV. Ensino de literatura na escola

Sobre a importância dos hábitos de leitura, direcionaremos nossa abordagem para o ensino de literatura. Vieira (1989) diz que se é através da leitura que o homem adquire as diversas formas de conhecimento, capacitando-o para atuar e participar na sociedade, é através da literatura que ele penetra no mundo do imaginário, desenvolvendo sua sensibilidade, seu gosto artístico, e também, ampliando sua maneira de ver e compreender o mundo.

Sob essa ótica, a literatura, assim como outras formas de manifestação artística, preenche a necessidade de ficção do homem, possibilitando-lhe por meio da palavra, a re-criação e re-invenção do universo. Assim, propiciar melhores condições para a promoção da leitura e formação de leitores é uma tarefa constante que permeia as propostas de trabalho de professores preocupados com a formação de leitores nos espaços escolares, correspondendo ao fato de que “a escola ainda é o espaço por excelência de contato com o material impresso e com a literatura em particular” (MAGNANI, 1989, p 51).

No entanto, conforme revelam as Orientações Curriculares para o ensino Médio, a prática escolar em relação à leitura literária ainda tem sido a de “desconsiderar a leitura e privilegiar atividades de metaleitura, ou seja, a de estudo do texto, aspectos da história literária, características de estilo, etc., deixando em segundo plano a leitura do texto literário” (2006, p. 70). Tais práticas são ineficientes para motivar o aluno à leitura, uma vez que estão mais voltadas para a reflexão dos diversos aspectos da escrita como a história e a estrutura dos textos literários.

Os autores aqui utilizados como fonte de pesquisa bibliográfica, dentre eles Alice Vieira e William Roberto Cereja, em suas obras de importante influência, compartilham de opiniões convergentes quanto ao ensino de literatura nas escolas. Como podemos comparar nos trechos a seguir, Cereja (2005, p. 11) afirma:

O ensino de literatura no ensino médio não tem alcançado plenamente nem mesmo esses dois objetivos essenciais a que se propõem – a formação de leitores competentes, de textos literários ou não literários, e a consolidação de hábitos de leitura -, o que aponta para a necessidade de rever essa prática escolar, bem como redefinir o papel do ensino de literatura na disciplina Língua Portuguesa.

Ainda nas considerações de Cereja (2005, p. 12):

[...] a organização dos conteúdos apoiada na historiografia literária privilegia o enfoque cronológico de movimentos, gerações e autores, com suas respectivas obras de destaque. [...] Trata-se, pois, de uma concepção conteudista e enciclopédica de ensino de literatura.

Corroborando com as ideias de Cereja, temos as considerações de Vieira (1989, p. 16) expressas da seguinte forma:

[...] o ensino de literatura, tanto no Brasil quanto em outros países, não vem alcançando seu objetivo de despertar, no jovem, o interesse pela literatura, bem como o de desenvolver a compreensão do fato estético. Compreensão estética necessária para a fruição de obras literárias, e sem a qual a formação de leitores maduros dificilmente tornar-se-á realidade. Coloca-se uma ênfase exagerada na leitura de obras clássicas, na memorização de datas, nomes e autores, obras e escolas, tornando seu ensino desinteressante e desvinculado de qualquer prazer que o aluno possa ter em relação ao texto literário.

Verifica-se, a partir dos relatos dos autores, que a literatura não está sendo ensinada nas escolas de forma a garantir a construção e a reconstrução da palavra e o prazer da leitura. O ensino de Literatura deve estar centrado na experiência literária. Se o objetivo é motivar o aluno para a leitura literária e criar um saber sobre a literatura, é necessário priorizar a natureza dos textos e propor atividades que não sejam contraditórias a essa natureza.

Por esse viés, o ensino de literatura que consiste na transmissão de informações sobre literatura e na valorização de dados sobre autores, obras e períodos literários, deve ceder espaço para a leitura de textos literários com valorização a sua natureza polissêmica, possibilitando, assim, o pensamento crítico e a atuação do leitor como agente nesse processo.

Face ao exposto, é possível identificar alguns dos conceitos de Paulo Freire sendo aplicados pela autora Alice Vieira, quanto ao ensino de literatura na escola. Nesse sentido, a autora defende a ideia da necessidade do professor adotar uma concepção de ensino de literatura despida de preconceitos, afastada da tradição escolar e aberta à realidade cultural de nosso tempo.

Um aspecto ressaltado por Vieira (1989) faz referência às aulas destinadas ao ensino da literatura. Segundo a autora, trata-se de um ensino cuja abordagem se inicia por meio de uma sequência história, ou seja, do passado para o presente. Se por um lado tal proposta ofereça a vantagem da linearidade que facilita o trabalho do professor, por

outro, tem por desvantagem o fato da linguagem arcaica dos textos iniciais da literatura, fato que pode causar um certo desinteresse por parte dos alunos. Dessa forma, a autora propõe o caminho inverso, ou seja, da contemporaneidade para trás.

O caminho inverso, portanto, sugerido por Alice Vieira (1989, p. 03) propõe: “Seguir o caminho oposto, iniciar com o Modernismo, lendo e analisando textos contemporâneos, relacionando-os ao momento histórico, político e social, tão próximo dos alunos e, por conseguinte, de mais fácil apreensão, talvez seja a melhor opção”. A ideia é viável e leva em conta o interesse dos alunos.

Fazendo, mais uma vez, uma ponte com os ideais de Paulo Freire, percebe-se constantemente no corpo do texto, as metodologias do célebre educador, como por exemplo, o de promover a relação dinâmica entre a “leitura da palavra” e a “leitura da realidade”, diminuindo assim, a distância existente entre o que é ensinado e a realidade.

Diante de toda a problemática exposta neste artigo, vale salientar a iniciativa do projeto de extensão “Clube de Leitura” apresentado no artigo “O letramento literário e a Educação de Jovens e Adultos” publicado na Revista Diálogo Educacional em 2009, proposto e coordenado por Carmem Lucia Eiterer e Juliana Valéria de Abreu, utilizado neste estudo como fonte bibliográfica.

O referido projeto é uma atividade que acontece como parte do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG. Desenvolvido durante o ano de 2006, o grupo de 30 alunos, com idade entre 25 e 72 anos, homens e mulheres, foi formado a partir de convites informais, avisos em sala de aula e cartazes, porém, os poucos participantes tornaram-se multiplicadores trazendo mais interessados.

O Clube de Leitura são encontros de leitura literária que acontecem no Centro Pedagógico da UFMG, trinta minutos antes do início das aulas regulares da EJA. Duas vezes por semana, os alunos reúnem-se para ler, coletivamente, textos literários. A princípio, foi escolhido um ambiente fora da sala de aula, ao ar livre, mas com o passar do tempo, a pedido dos próprios participantes, os encontros passaram a ser feitos na biblioteca, demonstrando assim, um avanço no interesse ao acesso das obras literárias.

A proposta desse projeto consiste em promover atividades de leitura sem compromissos com notas, cobranças de provas, interpretação, leitura perfeita, produção escrita ou mesmo controle de presença. Visando garantir a superação das distâncias entre o livro e leitor, as atividades proporcionadas pelo Projeto fortalecem o letramento literário nessa modalidade de ensino.

Podemos avaliar os resultados desse projeto como positivos, haja vista as mudanças positivas observadas nos participantes pelas idealizadoras, tais como: fazer a

leitura de mais obras, sendo até mesmo de forma completa; sinais de mudança e envolvimento com a literatura; começaram a ter um livro na bolsa; não faltavam aos encontros; as leituras sendo influenciadoras na compreensão dos textos escolares.

Se ler é uma habilidade que se desenvolve lendo, tais leituras têm sido oportunidade de contato importante dos textos e autores com este público e mais do que nunca, esse espaço se constitui como espaço privilegiado da relação do aluno jovem e adulto na EJA com a literatura.

Deve-se dar atenção, como outro fator positivo, o fato de os encontros serem frequentados por alunos voluntários, pois mesmo com as dificuldades por eles enfrentadas, não desanimam na busca do saber, enxergando em iniciativas como essa, uma oportunidade de crescimento intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de jovens e adultos é um direito educacional que deve proporcionar aos educandos possibilidades diversas de saberes, práticas e vivências, objetivando a construção de sujeitos e cidadãos capazes de compreenderem a sociedade em que vivem compreenderem a si mesmos e as relações que estabelecem. Para isso, faz-se necessário construir com eles a autonomia nos processos de leitura que vivenciam em seu cotidiano ou em quaisquer situações em que precisarem se envolver com a leitura.

Entendemos que a leitura, e nesse caso, a leitura literária, é um bem cultural a que nossos alunos adultos (assim como as crianças e jovens), têm direito. Assim, a escola precisa atentar para o desenvolvimento de práticas que procurem aproximar o leitor do texto. Aulas de literatura que na verdade em sua maioria se revelam aulas de história da literatura não substituem ações de promoção da leitura. A transformação do texto em tarefa, segundo receitas de vestibulares e outras, não pode vir a ser também a única via à disposição desses sujeitos. Da mesma maneira que atividades que conjugam leitura e prazer não podem estar restritas aos anos iniciais do Ensino Fundamental ou à Educação Infantil.

Sabemos que são muitas as dificuldades enfrentadas pelo professor de Literatura, especialmente o de escola pública, mas não podemos deixar que esses problemas nos impeçam de desenvolver um bom trabalho. Cabe a nós, cumprirmos o nosso papel, proporcionando aos nossos alunos uma nova visão de mundo, através da viagem mágica das palavras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias: orientações curriculares para o ensino médio**, volume 1. Brasília, 2006.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 5. Edição**. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, Coordenação da Biblioteca, 2010.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho de literatura. São Paulo: Atual, 2005.

EITERER, C. L.; ABREU, J. V. de. **O Letramento Literário e a Educação de Jovens e Adultos**. Rev. Diálogo Educacional, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 149-160, jan./abr. 2009

FREIRE, Paulo (1927-1997). **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire - 51. ed. - São Paulo: Cortez, 2011 (coleção questões da nossa época; 22).

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita.(Org.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Leônicio José Gomes. **Educação de Jovens e Adultos** / Leônicio José Gomes Soares. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (Diretrizes Curriculares Nacionais).

VIEIRA, Alice. **O prazer do texto**: Perspectivas para o ensino de Literatura. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1989.